



Imagem: Adobe Stock

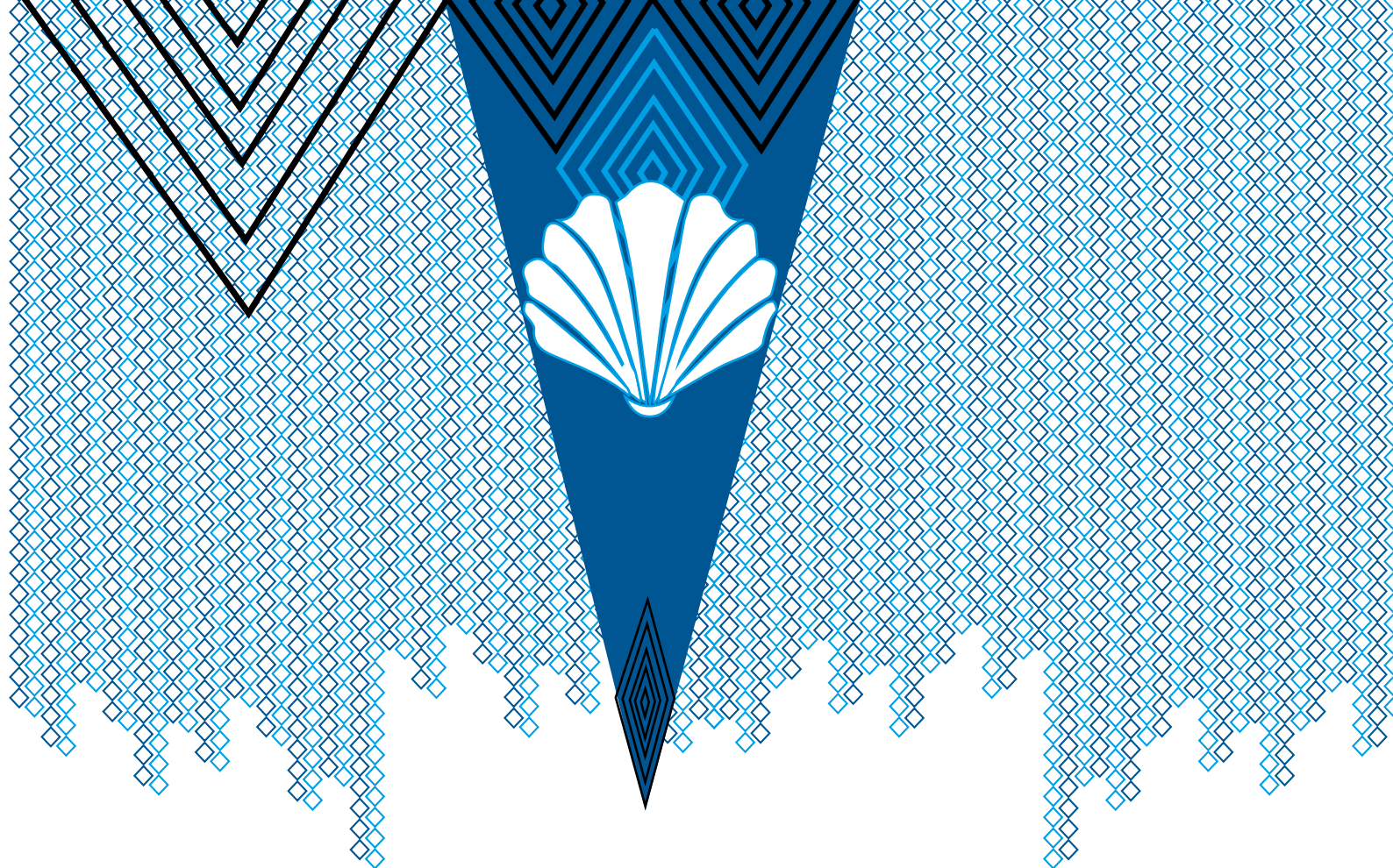
Meu lugar não é aqui!

O desafio de promover a inserção do estudante migrante no contexto de sala de aula

Luciana Lapa Xavier Galvão

Fernanda Cristina Pedrinelli

EMEF Gilberto Dupas – DRE Freguesia/Brasília



Com o objetivo de desenvolver práticas voltadas à inserção e acolhimento de estudantes migrantes, a coordenadora pedagógica, uma professora do terceiro ano e eu participamos de encontros formativos

para refletir sobre propostas integradoras e inclusivas. Assim, esse relato apresenta parte das ações desenvolvidas no início do ano letivo de 2022, em turmas do Ciclo de Alfabetização.

Práticas inclusivas à estudante boliviana

Em sala de alfabetização, geralmente, as crianças querem falar e ter a atenção da professora e dos colegas, mas este não foi o caso da estudante L., tímida, de 8 anos, matriculada no 2º ano, filha de migrantes bolivianos e falantes de espanhol.

Diante de tantas questões, a estudante passou pelo processo de invisibilização. Sempre muito quieta, nunca se dirigia à professora. O pouco avanço na aprendizagem e quase nenhuma socialização com os colegas me causou preocupação e busca de orientação com a coordenação para conhecer os familiares de L. Tal conversa foi pautada na necessidade de encaminhamento médico, uma vez que a estudante apresentava dificuldade na fala. Contudo, a coordenadora, após conversar com a estudante, verificou que ela tinha traços ameríndios e falava espanhol, o que impedia a interação e comunicação.

Para minha surpresa, a coordenadora me indicou a leitura do livro “Eloísa e os bichos”, o que me intrigou, uma vez que esperava orientações tradicionais, mas não a indicação de leitura. A partir disso, L. se tornou visível para mim e desejei que ela não permanecesse invisível para ninguém. Assim, enxerguei a estudante na mesma situação da personagem do livro, assustada pela imensidão de situações e pessoas, coisas e costumes novos, em um mundo totalmente diferente do dela. Por meio dos estudos que foram realizados, surgiram ideias que, depois de realizadas, proporcionaram aos estudantes migrantes maior visibilidade e participação.

Nas reflexões em grupo, pudemos entender que, para as famílias e crianças migrantes, o principal ponto de contato com a nossa realidade e costumes é a escola.

Em uma dinâmica feita durante a reunião de pais, cada familiar pôde deixar escrito a seu filho a continuação da frase “Eu desejo para você...”. Na aula seguinte, li para os estudantes os recados que seus familiares deixaram, sendo que a madrastra da L. deixou a frase escrita em espanhol. Foi um momento perfeito para conversar com as crianças e falar sobre a cultura e língua da estudante, a coordenadora, que fala espanhol, leu o bilhete realizando a tradução com a finalidade de propiciar uma prática pedagógica intercultural. Todos ficaram encantados e, nesse momento, várias questões foram levantadas sobre a cultura e a língua do país da família da L. Pediu-se que a estudante falasse algumas palavras em espanhol, perguntou-se aos estudantes se sabiam que ela falava duas línguas, sendo perguntado se eles sabiam de que país ela era, e responderam: China, Alemanha, Japão. Então foi explicado que ela era do Brasil, mas sua família era da Bolívia. Então, a sala fez um combinado: os estudantes ensinariam a nossa língua para L., e ela ensinaria espanhol para eles. Valorizar a presença da L. nas atividades e brincadeiras é essencial para que ela possa se sentir acolhida. Cabe salientar que, durante as formações, nós atuamos como mediadoras para o acolhimento e a integração pelas lentes da interculturalidade.

O migrante que fala uma língua distante: B., um estudante chinês

Para mim foi desconfortável identificar que o estudante B., oito anos e nascido na China, estava isolado dentro do grupo e invisível. Os estudantes da turma do 3º ano se referiam a ele como “o chinês” e diziam que ele não sabia falar, alguns falavam alto e faziam gestos para tentar se fazer entender, mesmo entre os adultos era identificada essa prática. No entanto, sem a presença de um intérprete, a comunicação foi praticamente inexistente, mesmo as tentativas de uso de aplicativos que propiciassem a tradução foram frustrantes. Pode parecer simples escrever em português e esperar a versão para o chinês, mas a estrutura das línguas é muito diferente.

Um momento marcante foi quando solicitei que os estudantes desenhasssem as brincadeiras que mais gostavam, escrevi a frase no tradutor e apresentei ao B., que, após ouvir, já que ele não lê e nem escreve em chinês, me olhou, franziu os olhos e colocou o dedo no queixo. Identifiquei que ele não entendeu o que deveria fazer. Pedi um momento e fui verificar o que estava errado, eu havia digitado “você pode desenhar sua brincadeira favorita”, o tradutor deu a seguinte versão: **你可以画出你最喜欢的笑话**. Curiosa, pedi a tradução da frase e o aplicativo me deu a seguinte resposta: “Você pode desenhar suas piadas favoritas”. Ou seja, não tinha como ter certeza do que o aplicativo estava traduzindo ou se fazia algum sentido para o estudante. Sendo importante destacar que as situações relacionadas a diferenças culturais são essenciais e nem sempre consideradas na inclusão de um aluno migrante.

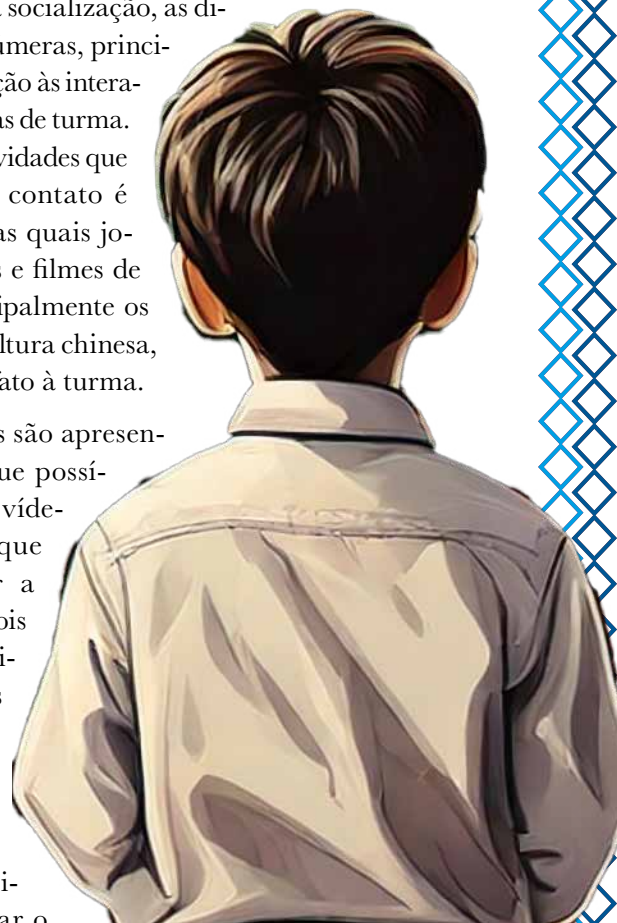
E para além do acesso às instituições de ensino, devemos estar atentos à necessidade de construir uma estrutura adequada para

a permanência de estudantes imigrantes nas escolas, acolhendo suas especificidades e valorizando a sua cultura e sua língua de origem. (SÃO PAULO, 2021, p.30).¹

Em uma ocasião, na qual o lápis do aluno estava extremamente pequeno, ofereci outro, entregando com apenas uma mão, o aluno fez o sinal de não e voltou para seu lugar. Ao pesquisar sobre os costumes chineses, aprendi que deveria oferecer com as duas mãos, demonstrando que era um presente. Em outra ocasião, ele machucou o dedo, cuidei do machucado e mostrei que iria colocar um curativo, pedindo sua permissão, culturalmente o toque só é aceito no meio familiar.

Em relação à socialização, as dificuldades são inúmeras, principalmente em relação às interações com os colegas de turma. Assim, propor atividades que incentivem esse contato é essencial, entre as quais jogos, brincadeiras e filmes de animação, principalmente os relacionados à cultura chinesa, destacando esse fato à turma.

As atividades são apresentadas, sempre que possível, por meio de vídeos ou imagens que possam apoiar a aprendizagem, pois os registros escritos são copiados pelo estudante, mas sem nenhuma estrutura, sendo ainda inexistente a possibilidade de verificar o



1 Documento disponível na íntegra em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/Curr%C3%ADculo-da-Cidade-Povos-Migrantes-WEB.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

que aprendeu. Mediar a aprendizagem de um estudante migrante se relaciona muito mais ao conhecimento das questões sociais e culturais, em prol de acolhimento e socialização, com respeito à individualidade e as necessidades de cada aluno. Certamente,

o obstáculo da língua é muito relevante, mas ainda sem uma solução. O processo de pesquisa é constante em busca de meios de superar as dificuldades e promover a aprendizagem, e acredito que os resultados serão positivos.

Referência

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da cidade:** povos migrantes: orientações pedagógicas. São Paulo: SME/COPED, 2021.

